

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

PEDRO ANTONIO MATTOS

**QUEM DIZ QUE A JUVENTUDE ESTÁ PERDIDA, NUNCA VISITOU UMA
ESCOLA OCUPADA:
ESTUDO DE CASO SOBRE AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS NO
MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO**

Porto Alegre
2º Semestre
2016

Pedro Antonio Mattos

**QUEM DIZ QUE A JUVENTUDE ESTÁ PERDIDA, NUNCA VISITOU UMA
ESCOLA OCUPADA:
ESTUDO DE CASO SOBRE AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS NO
MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para obtenção de título em Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Paulo Peixoto de Albuquerque

Porto Alegre
2º Semestre
2016

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os estudantes que resistem diariamente à salas de aulas vazias de emoções e repletas de incoerências. Dedico esse trabalho a todos que ocupam um lugar que é seu por direito. Resistam.

AGRADECIMENTO

Durante minha trajetória acadêmica, diversas foram as pessoas que me ajudaram e me impulsionaram a seguir em frente, lutando por aquilo que eu acreditava ser certo. Seria praticamente impossível citar todas que fizeram parte desse processo, o que me põe na posição de citar algumas dessas pessoas e movimentos, pedindo que você, que fez parte deste trabalho sinta-se contemplado por esse singelo agradecimento. A você, meu muito obrigado.

Agradecer a pai e mãe é uma tarefa extremamente complicada, as palavras nunca são suficientes diante de todas as lutas, barreiras, divergências e contratempos que eles são capazes de superar. Meu eterno agradecimento a eles que fizeram todo o possível para que eu pudesse realizar os meus sonhos e me tornaram uma pessoa honesta, confiante e muito feliz. Obrigado Antonio e Claudete, vocês serão sempre meus maiores exemplo de honestidade, luta e amor.

A minha irmã, Camila, que mesmo longe centenas de quilômetros, se fazia presente em pensamento e nunca me incentivou a desistir, apenas a me tornar o melhor professor que eu pudesse ser, meu amor por ti nunca caberá em palavras.

A amiga, parceira e colega de produção, Élen Guimarães, que dedicou seu tempo a um projeto, sem conhece-lo, apenas pela sua boa vontade e luz que tem.

A União Estudantes de Novo Hamburgo e todos os secundaristas que participaram deste trabalho, ele foi feito por vocês e para vocês. Obrigado por me deixarem fazer parte de suas vivências, lutas e angústias, vocês são exatamente aquilo que o país precisa agora.

A todes meus amigos que me incentivaram a levar essa ideia insana de tcc à frente, o olhar de vocês quando eu falava do projeto me mostrava que eu estava no caminho certo. Nossa amizade sempre será baseada na mais pura e verde alegria.

Ao meu orientador Paulo Albuquerque, que sempre me deu liberdade na escrita e no pensamento, me guiou em momentos que eu não previa saída, e antes de tudo, sempre foi amigo e compreensivo com os meus pensamentos mais absurdos. Obrigado por ter entrado nessa comigo, se depender de ti a educação será sempre libertária.

E meu muito obrigado a você que está dedicando um tempo a ler esse trabalho feito com tanto afinco e dedicação. Meu muito obrigado.

*Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa: Proibido cantar.
Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa:
É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem.
Ou seja: Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca.
(Eduardo Galeano)*

RESUMO

O aprendizado dos estudantes secundaristas durante a escola em ocupação, no município de Novo Hamburgo, é tema deste trabalho que tenta compreender e explicar quais as transformações, ações, re-ações e desenvolvimentos que se deram no início do ano de 2016. O trabalho faz uma contextualização histórica importante sobre momentos de luta em 2013 contra o aumento da passagem, que semearam a força para os estudantes secundaristas conseguissem ter um espaço de luta e visibilidade, mesmo que negado pelas mídias. Através da metodologia das entrevistas, com estudantes que participaram das ocupações, busca-se refletir sobre o aprendizado construído durante esse processo de resistência, tendo os conceitos de protagonismo, crítica, co-criação e experimentações como eixos norteadores da análise deste trabalho. Ainda, é possível perceber a relação que se dá com familiares e comunidade escolar, tendo em vista que a escola, a partir da ocupação, se torna um espaço de aprendizagem diferenciado da escola comum, pois seus agentes multiplicadores são os próprios estudantes que realizam movimentos de mudança e reconhecimento.

Palavras-chave: Escola. Ocupação. Estudante Secundarista. Protagonismo. Aprendizado.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1 É IMPOSSÍVEL FALAR DE LUGAR NENHUM.....	10
2 NO RETROSPECTO HISTÓRICO: A DESOBEDIÊNCIA COMO FORMA DE APRENDIZADO	13
2.1 QUANDO OCUPAÇÃO RECONFIGURA O CONCEITO DE CRIAÇÃO	19
2.2 NA MOLDURA ANALÍTICA UM FILTRO NECESSÁRIO PARA COMPREENDER UMA PEDAGOGIA POLÍTICA.....	21
3 OCUPAR: CRESCER E MUDAR	26
3.1 ATUANDO COMO PEDAGOGO DOCUMENTARISTA	27
4 QUANDO OS JORNAIS COMEÇARAM A PROCURA A GENTE.....	32
5 QUEM DIZ QUE A JUVENTUDE ESTÁ PERDIDA, NUNCA VISITOU UMA ESCOLA OCUPADA	42

APRESENTAÇÃO

A construção de um Trabalho de Conclusão de Curso nunca é ou poderia ser um exercício lógico intelectual burocrático para cumprir o protocolo de uma legislação, no nosso caso, uma exigência acadêmica.

Por isso, a experiência de construir, problematizar um determinado tema, tem neste caso, um duplo caráter: reconhecer que determinados conceitos aprendidos durante o curso, nas aulas, servem para confrontar e decifrar aquilo que frequentemente vivenciamos, sentimos e re-sentimos diante de uma lógica social que desconsidera a docência como lugar de construção de um sujeito social.

Neste caso, o presente trabalho tem como ponto de partida o que o(s) aluno(s) faz(em) no(s) espaço(s) educativo(s); trata-se, na verdade, de uma reflexão/luta contra o trabalho abstrato (da educação) como simples repassar de valores de uma dada sociedade ou grupo social àqueles que são os mais jovens. Esta temática tem a ver com o nosso fazer criativo e político (aquilo que escolhemos fazer) contra à lógica do dinheiro, do mercado.

Quer queira ou não, escrever, construir e conceber este TCC foi um esforço para trazer alguns conceitos à luz e torná-los acessíveis e claros ao leitor que se interessa em saber que "coisa" é essa das ocupações estudantis.

O trabalho está organizado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, faço uma recapitulação de suas vivências pelo movimento estudantil, contextualizando o leitor do seu lugar de fala.

No capítulo seguinte, uma retomada histórica sobre os diversos momentos sociais/políticos que possibilitaram aos jovens secundaristas, inspirarem sua desobediência num campo muito maior do que rebeldia, mas pela luta diária contra todas as formas de opressão, sendo muitas vezes silenciados pelas mídias que os acompanhavam. É possível no capítulo dois, também, perceber os conceitos que embasaram e sulearam esse trabalho desde de seu primeiro respiro.

O terceiro capítulo mostra a metodologia aplicada para a pesquisa qualitativa, desenvolvida sem se preocupar com uma qualidade normativa, além de apresentar os motivos que me fizeram atuar como pedagogo documentarista fora da sala de aula.

Quanto às entrevistas, o penúltimo capítulo mostra a análise dos discursos dos estudantes ocupantes e suas relações com os aprendizados desenvolvidos durante as ocupações, assim como as nuances percebidas em cada fragmento de entrevista, sobre luta, protagonismo e autonomia.

Assim, ao que o leitor se aproximar do último capítulo, ele não encontrará páginas de conclusões factíveis embasadas em grandes autores da modernidade, mas aspectos simples, de certa forma, mas importantes para a construção discente/docente que este pesquisador percebeu. Logo, pede-se que o leitor, antes de julgar as páginas desse trabalho, se coloque no lugar dos estudantes secundarista e tente aprender um pouco com o que eles têm a ensinar.

1 É IMPOSSÍVEL FALAR DE LUGAR NENHUM

"O verme passeia na lua cheia..." (Flores Astrais - Ney Matogrosso)

O movimento estudantil¹ serve e atua como espaço educativo não escolar², mas nem sempre foi considerado como tal, na medida em que educação moderna, burguesa, sempre teve como lugar privilegiado a sala de aula ou a escola. Por isso, se faz necessário refletir e pensá-lo enquanto espaço de formação/educação política.

Assim sendo e tendo este primeiro pressuposto - espaço educativo não formal - durante boa parte do meu período como secundarista, eu sentia a necessidade de fazer parte de algum movimento social que me representasse dentro da escola. Lembro que em 2003, quando estava na quinta série, no Colégio Municipal São Jacó, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, decidi descobrir o porquê da escola não ter um Grêmio Estudantil que nos representasse perante a direção, levando nossas demandas e questionamentos.

Durante o ano escolar de 2003, busquei por tais respostas mas não conseguia encontrar apoio tanto por parte dos meus colegas, como dos professores e familiares que me diziam que essa etapa de movimento estudantil, viria por se fazer mais presente a partir do 6º ano. A escola a qual eu estudava na época, sendo classificada como "Escola Municipal de 1º Grau Incompleto", só atendia alunos até o 5º ano, o que me fez migrar para uma nova escola no começo de 2004.

Para concluir o Ensino Fundamental, fui matriculado na Escola Estadual Antônio Vieira e lá, mais uma vez, busquei saber do Grêmio Estudantil e de como poderia fazer parte de tal entidade. Em conversa com o diretor da época, fui instruído, com uma certa má vontade e descrença no que era possível se fazer pela escola e pelos estudantes, procurar o órgão central dos grêmios e estudantes secundaristas dentro da nossa cidade, a União dos Estudantes de Novo Hamburgo

¹ O movimento estudantil é um movimento da área da educação, no qual os sujeitos são os próprios estudantes; trata-se de um movimento que organiza e propõe-se a interagir com a instituição educativa de forma mais intensa, visto que seu vínculo com a instituição de ensino não apenas dá sua identidade, mas tem a questão da cidadania como elemento organizador de sua vida em sociedade.

² Espaço educativo não formal ou não escolar aqui é entendido, de acordo com Gohn (2008, p. 134) como sendo aquele voltado [...] para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres. Em hipótese nenhuma ela substitui ou compete com a educação formal ou escolar.

(UENH). Na época, a internet ainda não era de fácil acesso pra mim, sendo que para achar tal organização, fui à prefeitura de Novo Hamburgo me informar se havia alguma sede, e como eu fazia para ter acesso a esta entidade.

Localizada na Rua Gomes Portinho, nº 294, em Novo Hamburgo, a UENH tem 68 anos de histórias, conquistas e lutas. Esteve presente contra a ditadura militar, teve forte participação na criação da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), nas lutas pelas Diretas Já e pelo direito dos jovens de votar aos 16 anos.

À época que cheguei à UENH, encontrei pessoas totalmente diferentes entre si mas com um propósito em comum. Jovens que se reuniam naquele espaço, buscavam por visibilidade, por direitos e por uma qualidade de ensino melhor do que nos era apresentado. Já, com meus 12 anos, embarquei em um movimento que iria transformar meus caminhos de um jeito inimaginável. Foram quatro anos de luta, onde assumi o Grêmio Estudantil da Escola Antônio Vieira, nas gestões de 2005 e de 2006, participei como dirigente da UENH, nas gestões de 2006 e 2007, comecei minha formação política, entendendo minha participação como agente responsável nas mudanças do meio que me era comum.

Esta experiência não só marcou minha trajetória como estudante secundarista, como também permitiu construir um modo de ser cidadão; este modo de atuar singular concorreu para que ao ingressar no Curso de Pedagogia no primeiro semestre de 2013, notasse que o Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação (DAFE), seria um espaço que possibilitaria discussões, lutas e crescimento conjunto dos estudantes que buscavam não só melhorias, mas visibilidade num espaço que por direito era seu, a universidade.

Motivado pelas lutas e conquistas do Movimento Estudantil (ME), percebi que o pedagogo pode ocupar diversos espaços, e não somente a sala de aula. É nosso dever, como educadores, fomentar a possibilidade de (des)construção de uma educação que não nos é atrativa, ainda mais, quando esta educação é precária, sofre de falta de visibilidade e ainda do apoio do governo, seja ele em aspecto municipal, estadual ou federal.

Dados todos estes aspectos históricos do meu envolvimento no ME, e as lutas dos estudantes, que se mostraram aptos a sair do seu lugar de conforto, mais uma vez, e lutarem por aquilo que acreditavam ser certo, na Jornadas de Junho, que aparecerá fortemente no decorrer deste trabalho de conclusão, me vi ciente da

necessidade de pensar as demandas e os aprendizados que se deram no movimento das ocupações das escolas públicas em torno de todo país no início de 2016, com enfoque no Rio Grande do Sul (RS), especificamente em Novo Hamburgo, onde as pautas principais eram a PL44/2016 que trata da privatização das escolas públicas referente ao estado, a PL 193/2015 lei da mordaza, assim como o parcelamento do salário dos professores, a decadência da estrutura das escolas públicas e a falta de assistência e investimento em funcionários públicos.

Levando em consideração que tais movimentações ecoaram por todo o Brasil, optei por realizar esse trabalho de análise, com os estudantes que participaram do movimento das escolas ocupadas em NH, tal movimento teve grande repercussão em todo município e comunidade hamburguense, contando com seis escolas ocupadas por mais de 30 dias.

Tendo em vista a dificuldade de captar e recolher os depoimentos dos mais de 200 alunos que participaram das ocupações, optei por produzir um documentário com depoimentos e falas onde ficasse visível quais eram suas reivindicações, medos, princípios e principalmente, quais foram seus aprendizados durante este processo que não cabe em nenhuma sala de aula.

Especificamente, de uma forma muito humilde, este trabalho tem como objetivo, tentar mensurar os aprendizados que os estudantes de Novo Hamburgo tiveram durante as escolas em ocupação e como isso mudou suas trajetórias escolares e sociais.

Com o intuito de realizar uma pesquisa qualitativa, foi elaborado uma entrevista com cinco perguntas que foram feitas a 12 estudantes, escolhidos por sua participação nas ocupações e sua vontade de fazer parte do documentário, todas as entrevistas foram gravadas e tem seu resultado exposto no documentário "OCUPAR, CRESCER E MUDAR (2016)" entretanto, dado as limitações exigidas pelo Trabalho de Conclusão de Curso, analisei e transcrevi 4 entrevistas que para mim foram significativas para o desenvolvimento desse trabalho, entretanto, nenhuma das outras entrevistas deve ser dada como dispensável, pois todas contribuíram para a construção de um pensamento crítico sobre as ocupações das escolas públicas.

2 NO RETROSPECTO HISTÓRICO: A DESOBEDIÊNCIA COMO FORMA DE APRENDIZADO

No mês de Junho de 2013, os Movimentos Estudantis de todo país se uniram com um ideal em comum, lutar contra o aumento das passagens dos transportes públicos. A mídia foi impressionada pela rapidez e organização que os estudantes de todo o país revelaram ao realizarem eventos nas principais capitais, tendo destaques nos meios de comunicação ditos como mais acessados pela população brasileira.

Ao analisarmos a imagem a baixo, percebemos que A Folha de São Paulo utiliza não somente da manchete para chamar a atenção dos seus leitores, mas também a imagem, que mostra desordem e caos, onde um grupo de manifestantes se apresentam em um cenário quase pós guerra.

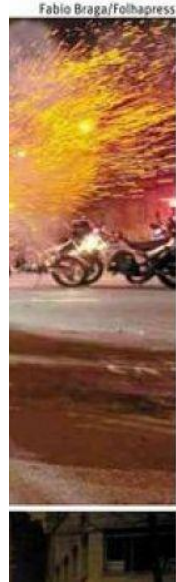


(Imagem retirada do site da Folha de São Paulo)

Na notícia central, ainda é possível perceber no discurso a intenção de justificar o poder abusivo e desnecessário da Polícia Militar (PM). Ainda em todas as redes sociais e meios de comunicação alternativos, as pessoas relatavam prisões

arbitrárias, abuso de poder e violência desmedida por parte da PM, segundo Ferrary (2014).

PM e atacam ônibus e estações do metrô; 20 são detidos



No mais violento protesto contra o aumento da tarifa do transporte público, manifestantes voltaram a entrar em conflito com a polícia na região central de São Paulo.

Como saldo, 20 pessoas foram detidas. Dois ônibus foram parcialmente queimados, e outros, apedrejados. Estações de metrô foram depredadas, muros, pichados, e vitrines, quebradas. Lojas e bancos fecharam as portas.

Foi o terceiro ato em menos de uma semana —os ativistas são contra a alta da passagem, de R\$ 3 a R\$ 3,20. Segundo a PM, mais de 5.000 pessoas foram ao protesto. A prefeitura fala em 2.500.

Segundo policiais, militantes jogaram pedras, paus e coquetéis molotov contra a PM, que atirou balas de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta.

A manifestação ocorreu sem a presença na cidade do prefeito Haddad (PT) e do governador Alckmin (PSDB), que estão em Paris. O Movimento Passe Livre promete um novo protesto amanhã.

Ontem, policiais civis e servidores da saúde protestaram contra o governo Alckmin, e reintegração de posse na zona sul também terminou em confronto. **Cotidiano C1**
Repórter da Folha é detido pela Polícia Militar durante protesto. **C5**

(Imagem retirada do site da Folha de São Paulo)

Na manhã do dia 18 de junho, o jornal O Globo tinha sua manchete principal de capa: O BRASIL NAS RUAS.



(Imagem retirada do site do jornal O Globo)

Ainda foi possível perceber o destaque não só da mídia impressa mas também da mídia televisiva. A emissora Globo, detentora de um dos maiores níveis de audiência da televisão aberta no Brasil, em seu próprio site, narra os acontecimentos do dia 20 de Junho, quando mais de 20 capitais realizaram uma movimentação conjunta contra o aumento da passagem e contra a corrupção, segundo o site:

A partir das 16h, flashes com imagens de diferentes cidades atualizaram as informações. E, às 17h50, a programação foi interrompida para a cobertura dos protestos em Brasília, Rio, São Paulo, Campinas, Vitória, Belo Horizonte, Porto Alegre, Florianópolis, Recife, João Pessoa, Fortaleza, Goiânia, Campo Grande, Belém, Manaus e Salvador. Do estúdio do Jornal Nacional, Patrícia Poeta ancorou as entradas dos repórteres. Pouco depois, William Bonner se juntou a ela na bancada. “A gente estava produzindo o Jornal Nacional, mas na verdade o que está acontecendo é que as notícias estão transcorrendo sucessivamente e, a essa altura, já não faz mais muito sentido a gente planejar uma edição de Jornal Nacional, porque os fatos estão acontecendo. Então o que nós estamos fazendo aqui já é um Jornal Nacional que está transcorrendo ao sabor dos acontecimentos que estão se desdobrando à frente da tela”, explicou o jornalista. (O Globo, s/d)

Quando a mídia percebeu o alcance que as manifestações estavam tomando, tratou logo de demonstrar sua dedicação, sem perder um só ponto nos mais de 20 atos que aconteciam em todo Brasil. Sendo assim, a televisão é um meio de comunicação e informação muito ágil, mas nem sempre, didático. O telejornalismo vem mudando sua forma de atuação, conseguimos sentir na voz do apresentador/repórter, um sentimento que é passado, mas, nem sempre, verdadeiro pois:

O telejornalismo vem assumindo uma característica básica de se fazer dramático. Mais: de se fazer melodramático. Não basta a ele simplesmente a tarefa de informar, de trazer ao público as notícias e feitos cotidianos de um estado, país, mundo. Parece que, nos últimos tempos, esta tem sido uma condição secundária, uma vez que o tom de espetáculo assume um lugar básico e acaba por conduzir de certa forma a estrutura mais geral desse gênero de programa. Para se fazer mais verossímil, o telejornal procura chamar a atenção, espantar e até mesmo assustar a “platéia” que assiste. Trata-se, desta forma, de buscar um vínculo afetivo com o telespectador, de atingi-lo no âmago de suas emoções, anseios, tristezas e alegrias. (FISHER, MARCELLO, SCHWERTNER, 1999)

No aspecto regional, a mídia impressa não seguiu muito fora da representação em outros estados. Os manifestantes eram taxados de baderneiros e inconsequentes. Percebe-se então, uma linha muito sinuosa que conduz a mídia em aspecto nacional. Os estudantes, que eram grande maioria os participantes das caminhadas, cansaram de se comportar sobre um cabresto imposto desde o berço,

um “aceitar e reproduzir”, ao qual o certo é nunca desobedecer a ordem comum. Não adiantavam mais os choros escondidos, foi necessário unir vozes, pés e muita luta para se quebrar esse sistema.

A capa do jornal Zero Hora, do dia 18 de junho, trazia a seguinte comparação:



(Imagem retirada do cite do jornal Zero Hora)

Na primeira foto, uma menina à frente da multidão, levanta os braços mostrando o símbolo de paz e amor com os dedos, enquanto tem ao corpo um cartaz onde lê-se: O dia vai raiar sem pedir licença.

Na foto de baixo, um ônibus em processo de combustão, com altas labaredas e muita fumaça.

Milhares de estudantes no país estão protestando, pedindo e gritando por uma atenção que lhes é de direito, mas que nunca são ouvidos. Esses estudantes estão fazendo protestos, e vistos como o filho birrento que busca por atenção, que precisa queimar um ônibus, banalizar bancos e lojas para chamar a atenção dos pais. Por isso, deu-se o engajamento de todos os participantes, e a organização era peça fundamental para que essa “rebeldia” acontecesse.

Esse engajamento se deu pelo ponto de vista de que não era mais possível ficar parado perante tanta intolerância por parte dos governantes. Tal movimento de luta, teve uma repercussão em larga escala, chegando a contar com

[...] 75% de aprovação popular, segundo o Ibope, as “Jornadas de Junho”, como ficou conhecida a onda de protestos inicialmente motivados pelo aumento das tarifas do transporte público, levaram às ruas, em seu ápice,

isto é, no dia 17 de junho, mais de dois milhões de pessoas. [...] Segundo o Ibope, protestos foram registrados em 407 cidades, espalhadas por todas as regiões do país. (BRAGA, 2014)

Os protestos surgiram como forma de dar visibilidade aos estudantes que não tinham suas vozes ouvidas até então e estavam cansados da falta de respeito e comprometimento do Estado para com eles. Por todo o país, em diversas cidades e nas maiores capitais, em sua maioria estudantes secundaristas e universitários³, organizaram-se para protestar e reivindicar o ato abusivo do aumento do valor nas passagens.

Foram semanas de protestos e passeatas marcadas por grande contingente de pessoas e falta de postura tanto por parte dos governantes, como da polícia, que usava de força física contra os manifestantes, como da mídia que mostrava somente aquilo que lhes convinha, a dita “baderna” e o caos. Mas não viria do caos a solução para tais reivindicações?

A partir desse momento, os estudantes se viram necessitados de se estruturar não somente como uma célula individual, mas um núcleo que lutasse por todos aqueles que se engajavam naquela luta, vindo a acarretar o movimento do Passe Livre como representante dos estudantes na luta contra o aumento da passagem.

Foi a partir de tais ações que os estudantes, de certa forma, se viram agindo contra tudo aquilo que nos era imposto desde que entrarmos na escola. Somos ensinados a seguir regras, nos falam de nossos deveres e também de nossos direitos, mas não nos ensinam, durante nossa caminhada como discentes, a lutar e exigir aquilo que nos é dado como princípios básicos para uma educação de qualidade. Seguimos um método de ensino bancário e europeu, onde o estudante é ensinado a sentar um atrás do outro, conviver com sua individualidade e contestar somente até certo ponto. Quero deixar claro que tais ensinamentos e responsabilidades não é culpa estritamente dos professores que nos acompanham por nossa trajetória, mas de um sistema que nos é dado como comum desde os primeiros passos dentro da escola e por ver que não se adaptava mais a essa organização, milhares de estudantes resolveram se voltar contra aquilo que lhes era dito como certo, e provocaram a inquietação naqueles que ainda pensavam no

³ Segundo pesquisa do Ibope nas capitais de sete estados (SP, RJ, MG, RS, PE, CE, BA). Foram entrevistados 2002 manifestantes com 14 anos ou mais, onde, até colegial iniciado: 8%, colegial completo ou ensino superior iniciado: 49%, ensino superior completo: 43%, em 20 de junho de 2013.

antigo modo de aprender e ensinar. Por isso dialogo com ideias de Paulo Freire quando diz que precisamos nos convencer de que o “convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização.” (2011, p.126).

Percebe-se uma conscientização plural e em massa, que possibilitou um arranjo entre todas as ideias e protestos defendidos durante o movimento das Jornadas de Junho, repercutindo até os dias de hoje, com fortes raízes, pois veio desta desobediência às leis naturais de como se agir perante uma situação adversa que os estudantes encontraram não somente força, mas reformulação e, porque não, reação, para tudo aquilo que lhes era ensinado até o presente momento, a ideia das lutas de Junho, não vieram apenas de uma pessoa, mas de um coletivo muito além do que possamos imaginar.

Neste processo de manifestação, parece que se materializou aquilo que segundo Mignolo (2008), significa “pensar a partir da exterioridade”, não cabendo somente as suas ações, que a cultura capitalista europeia se sobressaísse sobre os seus pensamentos políticos. Ficar quietos observando as mudanças prometidas pelos governantes não mais era uma hipóteses, mas algo que os estudantes não mais iriam aceitar.

Assim, no âmbito desta reflexão, pode-se dizer que no movimento das Jornadas de Junho, é possível identificar um dos primeiros conceitos chave desta análise: a crítica como método pois, na desobediência e na oposição ao *status quo* coube então, naquele momento, para os estudantes, ter um pensamento descolonial.⁴

Algumas das principais consignas gritadas nas ruas, reivindicavam os direitos mínimos de ir e vir, direitos a pluralidade e a luta. Dentre as várias vozes que entoavam palavras de ordem no meio dos eventos, ouvia-se: “São Paulo é meu amigo, estamos juntos contra o mesmo inimigo”, “Brasil, vamos acordar, o professor vale mais que o Neymar”, “O povo unido, protesta sem partido”.

Vozes estridentes, tentam não se calar, pra dizer que estar contra um estado que te priva dos direitos básico, é estar contra todo um pensamento enraizado de uma cultura de aceitação, para uma cultura de luta e desobediência sobre o sistema. Fomentaram a necessidade da luta e a necessidade do coletivo como arma de

⁴ Descolonial é aqui apresentado num mesmo recorte lógico das teorias pós coloniais, Anibal Quijano y Orlando Fals Borda

avanço político a ser ouvido, plantando, assim, uma semente em milhares de estudantes, que viria novamente a brotar nas manifestações no final de 2015.

2.1 QUANDO OCUPAÇÃO RECONFIGURA O CONCEITO DE CRIAÇÃO

*"A ave era
tão pequena que
a asa era uma pena"
(Anônimo)*

Diferente de junho, as manifestações de 2015 tiveram uma outra característica, mas não um outro caráter.

Em dezembro de 2015, já eram mais de 200 escolas ocupadas no estado São Paulo, movimento esse exercido contra a Proposta de Reorganização Escolar apresentada pelo governador Geraldo Alckmin, que segundo o promotor do Ministério Público Estadual Luiz Antonio Miguel Ferreira “é uma reforma administrativa visando reduzir gastos com a educação, e não uma reorganização visando à melhoria da educação na rede estadual.” (HOVELER,2015).

A proposta era simples, fechar 96 escolas dentro do Estado de São Paulo e realocar os estudantes desses espaços em outras escolas “próximas” de suas residências. Fica claro, não só para um pedagogo, que (re)vive a educação todo dia, como forma de atuar para que haja interesse pelo que é ensinado, assim como a maioria da população, que essa atitude é de um desrespeito incabível, tanto para professores, como alunos e comunidade escolar.

A definição de ocupar, vai muito além daquilo que a mídia passa como sendo um ato invasão e baderna. O conceito básico de ocupação, nos dicionários consultados, é o “ato de apoderar-se de algo ou de invadir uma propriedade; posse.” Mas podemos ir muito além e compararmos o conceito de invasão e ocupação.

Para Movimento dos Sem Terra (MST), ocupação é a forma de luta mais importante. A ocupação gera o fato político, que demanda uma resposta do governo em relação à concentração de terras no Brasil⁵.

“A ocupação gera o fato político”, com isso já se pode dizer que temos o objetivo, fundamento e definição, pois a ocupação não deve ser entendida como o ato de invasão. Ocupação pode ser entendida como o uso do espaço que não é

⁵ Informação retirada do site do MST, disponível em <www.mst.org.br>.

utilizado de acordo com seu entendimento comum com o propósito de gerar o bem para a população e para aqueles que do espaço necessitam.

O Jornal Boca de Rua, coletivo que visa dar voz aos moradores de rua de Porto Alegre, faz um breve diferenciação entre invadir e ocupar, podendo ajudar o leitor e entender tal diferença, quando diz que:

Invadir é desrespeitar a privacidade do outro. Ocupar é reivindicar. É criar um ato para mostrar à sociedade as necessidades das pessoas, o que elas precisam para ter um futuro melhor e sustentar as suas famílias. Quando jornais e as autoridades falam em invasão, não é por acaso. Não é porque confundem. É de propósito para parecer que é crime, desrespeito, esculhambação. (BOCA DE RUA, 2015)

Tal conceito foi levantado pelos colaboradores do jornal, em resposta ao ataque midiático e político que o movimento dos moradores de rua vem sofrendo, devido ao movimento de ocupação do Departamento Municipal de Habitação (Demhab).

Já para a blogueira Rejane Carolina Hoeveler, as ocupações significam muito mais do que um ato simples de ocupar um espaço público em defesa de melhorias

Trata-se de uma experiência extraordinária de auto-organização, da possibilidade de vislumbrar outro tipo de sociedade e de educação, não dirigida pela apatia e pela mera obediência. Trata-se de atingir aquilo que é, no papel, um dos objetivos básicos da própria educação pública: a construção de um pensamento crítico, que olhe para a sociedade como um todo, para suas desigualdades, para as condições do mundo em que vivemos. Infelizmente, para muitos, essa orientação, presente em tantos documentos educacionais nacionais, fica mesmo apenas no papel. (HOEVELER, 2016)

As definições são necessárias a serem expostas nesse trabalho, pois, mesmo com grande afinco, não foi possível achar uma definição de ocupação para movimentos estudantis, assim como referencial teórico que parta do pressuposto de se aprender através desse movimento.

Logo, mesmo que o conceito de ocupação se apresente como sendo polissêmico, nos espaços educativos não formais ela adquire e se reveste de sua natureza pedagógica, principalmente quando entendida naquilo que tem de construção de valores.

Nesse sentido, significa um fator diferenciador, implica em **co-criação** ou na experimentação do novo e na possibilidade deste novo através da crítica, que a

rebeldia daqueles que não se acostumam com a situação imposta, e tão pouco se deixam levar por aquilo que o senso comum admite como verdade é que o movimento de não aceitação dos estudantes se apresenta como aprendizado.

Devemos então atentar para o ato de rebeldia, como uma ruptura daquilo que nos era dito como norma, até a presença de um agente desencadeador.

Sendo assim, os conceitos chaves deste trabalho se materializam como: crítica, co-criação, experimentação e protagonismo. Elementos que podem ser visualizados no comportamento - vozes - daqueles que durante um determinado período, avançaram e assumiram as escolas como um espaço autônomo e possível para defender ideias, não apenas ou simplesmente porque não queriam estudar em uma sala de aula lotada, mas porque buscavam um outro modo de educar-se.

Ocupação e ressonâncias, se não compreendidas, podem sinalizar uma negligência e um equívoco por parte dos docentes e da sociedade.

O documentário produzido juntamente com esse Trabalho de Conclusão de Curso, e que materialmente consegue expressar em sentimentos e vozes todos esses aprendizados aqui já destacados, também nos faz pensar nas responsabilidades que são desencadeadas nessa ação de ocupação.

2.2 NA MOLDURA ANALÍTICA UM FILTRO NECESSÁRIO PARA COMPREENDER UMA PEDAGOGIA POLÍTICA

Se abstração do fazer é a maneira pela qual a atividade humana é organizada, se, afinal, nós mesmos a produzimos, então podemos rompê-las. Podemos produzir a educação e fazer algo diferente, mas para isso precisamos reconhecer que há outros conceitos a serem considerados.

1. Ocupação: Conceito chave no qual deve ser entendida como processo ou conjunto de ações que permitem ao indivíduo apoderar-se de um espaço que é visto por ele como por direito.
2. Crítica: Processo de reflexão sobre a ação. Aqui a crítica é vista de duas formas, a construtiva e a pejorativa. Porém o erro é necessário, pois, segundo Cortella:

o erro não ocupa um lugar externo ao processo de conhecer; investigar é bem diferente de receber uma revelação límpida, transparente e perfeita. O erro é parte integrante do conhecer não porque “errar é humano”, mas

porque nosso conhecimento sobre o mundo dá-se em uma relação viva e cambiante (sem o controle de toda e qualquer interveniência) com o próprio mundo. (CORTELLA,1998)

O que difere é o modo como esse erro é apresentado ao indivíduo e aqueles que lhe cercam.

3. Co-Criação: É um conceito que surgiu dentro do campo do Marketing onde uma ou mais pessoas se unem para trabalhar em prol de um projeto, melhorando e inovando-o, agregando valor, em troca de benefícios àqueles que ajudaram⁶. Num campo mais social, podemos pensar que a ideia de co-criação, quando falamos de manifestações, tem a ver com o todo agindo como coletivo, debatendo e tendo participantes que se doam para fomentar uma luta justa, Franco nos lembra que é a co-criação é baseada na interação

Não na participação, mas na interação mesmo. Isso significa, em primeiro lugar, que não se trata de arrebatar pessoas para trabalhar para nós (ou coloca-las em função dos nossos propósitos), nem se trata de inspirá-las, liderá-las ou guiá-las de algum modo, seja por meio de diretivas emanadas de alguma autoridade (legitimada pela sua posição hierárquica, representatividade, popularidade ou reputação), seja por meio de regras estabelecidas antes do processo, seja pelo convencimento ou pelo assentimento obtido em troca de um prêmio ou favor (como quem conduz uma criança docemente pela mão para algum lugar que ela não se propôs a ir com a promessa de passar antes na sorveteria). Mas dizer que a co-creation é i-based significa, em segundo lugar, que ela constitui ambientes favoráveis à manifestação da fenomenologia da interação, sobretudo à precipitação daqueles fenômenos associados à inteligência coletiva. Este é o propósito de tudo. (FRANCO, 2012)

4. Experimentação: Não existe em manual⁷, ou, em livros nas grandes bibliotecas, um passo a passo de como se organizar uma ocupação ou manifestação que tomem proporções iguais as experiências que tivemos e estamos tendo. Tudo isso é processo de tentativa, acerto e erro. É preciso tentar diversas vezes até que seja possível quebrar esse molde engessado de comportamento submissão impostos a nós a vida inteira. Contudo, para que possamos projetar tais mudanças, devemos observar quais foram os erros e acertos daqueles que já o fizeram, para aproveitarmos seus acertos e driblarmos seus erros pois

A partir do problema vivido, podemos investigar na história da filosofia conceitos criados para equacionar esse problema ou problemas próximos a ele. E testar esses conceitos em relação a nosso problema, saber se eles nos servem ou não, se precisam ser adaptados, recriados, ou se podem ser

⁶ Definição segundo Venkat Ramaswamy, idealizador do conceito de co-criação.

⁷ Com exceção do livro The Do It Yourself Occupation Guide – Redux 2012, que traz algumas possibilidades a serem realizadas em estado de ocupação

descartados. Por fim, o momento da experiência filosófica de pensamento propriamente dita: o equacionamento do problema através de um conceito, seja ele um conceito apropriado de um filósofo, um conceito recriado ou um conceito realmente novo, criado com originalidade. (GALLO, 2006).

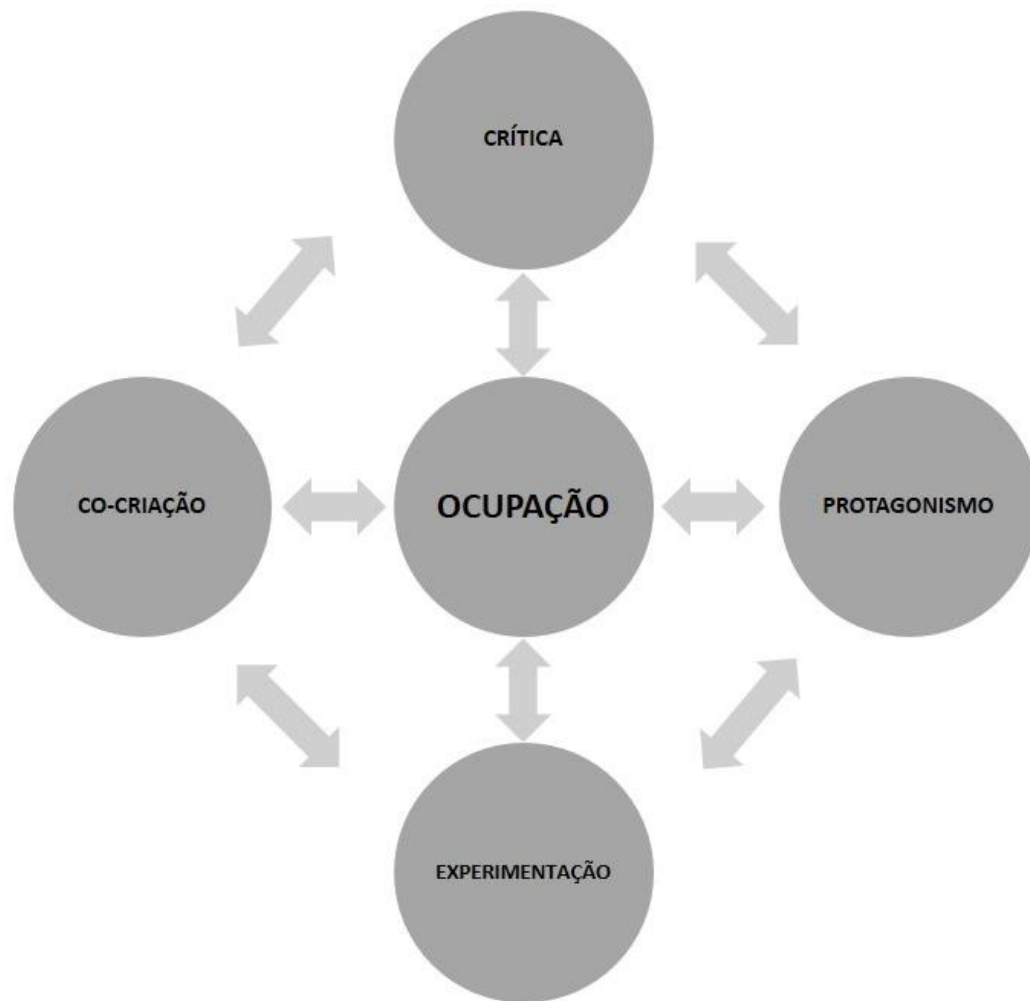
5. Protagonismo: O protagonismo é um dos conceitos chave pois é dele que nascem os movimentos, as inquietações e as novidades. O conceito de protagonismo muitas vezes é visto aquém de seu potencial. Costa conversa conosco quando traz uma definição ampliada sobre isso, mostrando que Protagonismo Estudantil

é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] O cerne do protagonismo portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla (COSTA, 2001, p.179).

Impossível conversar entre todos estes conceitos sem que falemos de autonomia. Um conceito que chega ser regra básica, e que vem sendo descoberta pelo militante, para construir o ME. Autonomia é ultrapassa o sentido de saber se “é hora de sair da aula”, é carregar a responsabilidade dos seus atos e escolhas sem poder por em ninguém a culpa, ao mesmo tempo que produz uma sensação de liberdade.

Portanto, a experiência educativa que tem claro o respeito à autonomia e à dignidade humana, sabe que estas deveriam ser inerentes à prática educativa, e que se faz de maneira ética, com objetivo de formação cidadã, muito além da transmissão de conteúdos. A escola deve ter como alicerce pedagógico o ato de aprender-ensinar como finalidade à transformação da realidade social. Respeitar o fato de que os(as) adolescentes pensam, dizem e fazem pode ultrapassar os limites de sua vida pessoal e familiar e influir no curso de seu desenvolvimento. Além de ser uma forma de respeito à dignidade humana, é uma forma de reconhecer que através de seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolve o seu potencial criativo para a transformação pessoal e social. (SILVA, 2009)

Podemos observar na figura que segue, esses cinco conceitos conversando entre si, porque o ambiente de aprendizagem criado pela ocupação, permite que nas vivências e no cotidiano da escola ocupada, os conceitos sejam objetivados por aqueles que participam.



Se na escola é o professor que tem a responsabilidade e o protagonismo, na ocupação esta função é assumida pelos ocupantes; na escola a possibilidade de apreender se dá a partir de um programa já organizado; na ocupação não há nada pensado de antemão e elaborado para que se funcione durante longos períodos, como no caso das instituições de ensino.

Co-criação/ experimentação/ protagonismo/ crítica, são os elementos que de certa forma, a partir do pensar de Paulo Freire quando diz do "inérito viável", nunca antes passaram pela cabeça daqueles que acham não veem os estudantes protagonistas de suas histórias. Uma possibilidade utópica! Os verem se organizando de tal forma que não há a necessidade de uma figura central e responsável para delimitar assuntos, condições e participações dos discentes naquilo que visam ser importante, o oposto que acontece no ensino tradicional, onde, dificilmente – arisco-me ainda em usar raramente- o estudante é questionado

sobre o seu processo de aprendizado, organização e percepção do meio que aprende/ensina, pois também lhe é dosada a oportunidade de ensinar.

Dito de outro modo: poucos são os momentos onde há espaço para que os jovens ocupantes falem de suas responsabilidades dentro dessa ação de rebeldia e desobediência. É transmitido aos espectadores, pela mídia, que todo movimento não passa de um ato não pensado, impulsivo. Indiferente com isso, surge a ideia de que o pedagogo deve sim ocupar esse lugar, de (co)participador dessas ações por parte dos estudantes, sem lhes tirar o lugar de fala. Muito mais durante os processos de ocupação, do que no cotidiano escolar, o pedagogo tem papel fundamental para poder trabalhar com os jovens suas capacidades, pensamentos, ideias e criações que existem perante esse espaço que é a escola, até então dito como não fértil e pouco produtivo.

Os estudantes de Novo Hamburgo, e do país todo, teriam então chegado juntos a um mesmo descobrimento: o inédito viável de Paulo Freire explicado pelas palavras de Ana Maria Araújo Freire como “uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos eu pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade.” (2011, p. 212). O inédito viável é algo que ainda não conseguimos realizar, mas que temos convicção de que pode acontecer, são “soluções praticáveis despercebidas” (FREIRE, 2011, p.149)

E tal descobrimento, citado acima, se deu pelo casamento das ocupações com a desobediência, induzindo o pensar sobre a ação, refletir sobre a ação e agir sobre a ação. Fica claro esse movimento de (co)criação por parte dos estudantes quando vemos em seus depoimentos suas reivindicações:

‘Nós do Grêmio Estudantil Mentis Livres, estamos contando com o apoio dos alunos, pois todos estão cansados desta educação precária e que cada vez mais prejudica a nós, alunos e professores. Conversamos com a coordenadora de Porto Alegre, que irá nos ajudar neste movimento. As atividades que pretendemos propor são aulas sociais, culturais e educacionais’ (SCHWERTZ, 2016)⁸

Nunca foi vontade dos estudantes depredar o patrimônio público e tão pouco o deixar inutilizado, muito pelo contrário, as ocupações serviram com ato de rebeldia para ressuscitar a vida que outrora existia dentro da escola.

⁸ Depoimento dado pela aluna Carolina Schwertz ao Jornal NH. Disponível em <www.jornalnh.com.br>

3 OCUPAR: CRESCER E MUDAR

A estratégia de abordar uma temática que normalmente é feita e demonstrada de modo ortodoxo nos TCC's, evitando imagens e falas -(depoimentos) no nosso caso- permitiu "complementar" e agregar sentidos que poderiam passar despercebidos no texto escrito.

Trabalhar como documentarista vai muito além de posicionar uma câmera, apontada para algo ou alguém e deixar que as coisas fluam naturalmente, pois não estamos trabalhando sozinhos. O documentarista tenta perceber, não só através das lentes da câmera, mas daquilo que é transmitido pela fala, a realidade necessária para se transpor a imagem que irá ser apresentada para o público. Ou seja, chegar o mais próximo do real através de uma filmagem.

Podemos encontrar o significado de documentário como: filme, no geral em curta metragem, que registra, interpreta e comenta um fato, um ambiente ou determinada situação⁹. Contudo, tendo em vista não somente a semântica da palavra, na visão deste trabalho, o documentário é uma técnica de jornalismo ou cinema que serve como suporte dinâmico de uma informação que se pretende ir o mais próximo e real da vida das pessoas, assim como seus sentimentos e angústias, o que não significa que esses atores sociais não saibam qual papel estão jogando.

No caso, o documentário das ocupações, **serve como referência de um processo de manifestação de um ator social específico**: o estudante secundarista. Além disso, a sua voz e **seu discurso permitem visualizar que determinados conceitos de uma pedagogia política acabam se materializando pelas ações e reações deste indivíduo** na filmagem através do seu discurso, pois devemos dar voz aqueles que em certos momentos não são ouvidos.

Incessantemente as mídias lançam fotos, falas e reportagens voltadas às ocupações e sua estruturação ao redor do Brasil, mas em qual espaço de visualização da mídia, esse mesmo estudante atacado teve sua chance de explicação, de ter sua fala ouvida e entendida por aqueles que supostamente pensavam no seu protagonismo como algo sem sentido?

⁹ Segundo o Novo dicionário Aurélio (1980, p.991)

Partiu deste ponto, então, a ideia de criar **o documentário que servisse não só de aporte teórico imagético deste trabalho, mas para propiciar ao estudante, um espaço de fala livre, sem represálias** ou cortes fundamentados naquilo que o documentarista achasse propício. Assim, produzimos o documentário “Ocupar: crescer e mudar”.

3.1 ATUANDO COMO PEDAGOGO DOCUMENTARISTA

Durante todo o processo de formação discente/docente que passei na FACED, não foram muitos os momentos em que pude perceber a participação de um pedagogo em espaços não escolares. Isso não significa que a formação seja incompleta, mas mostra uma falha na previsão das possibilidades de se atuar como profissional pedagógico para fora da sala de aula.

Minha relação com o cinema vem ao encontro de poder mostrar a outros indivíduos, as aprendizagens e processos que se fazem necessários ao transformar do ser humano em sua caminhada, seja explorando as diversas salas de aula e fazeres pedagógicos a fora, como nos mostra o documentário *A Educação Proibida*¹⁰, seja retratando um momento singular e íntimo da relação do indivíduo com a religião, lembrando de *Santo Forte*¹¹.

Assim, produzir um documentário, ao invés de somente coletar as entrevistas daqueles que entregaram seus discursos como análise a mim, demonstra não somente uma vontade de exibir as falas dos estudantes, mas possibilitar que os espectadores tenham o seu próprio entendimento do que é dito e narrado pelos estudantes. As entrevistas foram pensadas a fim de manter o estudante livre pra pensar e dialogar no seu tempo, sem pressa, ou inquisição de detalhes.

As falas constam como elemento de análise, mas não somente isso. Os olhares cruzados, os tempos onde há o predomínio do silêncio e o movimento tenso de alguns entrevistados. Como pedagogo, eu me pego analisando não somente os discursos, mas a intimidade que os entrevistados se permitem ter, não comigo, mas consigo mesmo e como isso é exposto para a câmera. Bernardet traz a intimidade

¹⁰ Filme dirigido por Germán Doin - 2012.

¹¹ Filme *Santo Forte* foi produzido por Eduardo Coutinho em 1992.

quando, em uma conversa, juntamente com Ismail Xavier¹², indaga ao público presente:

Que intimidade é essa que ocorre nas entrevistas? Nas entrevistas, as pessoas só podem dizer o que é verbalizado. Não tem nada que possam fazer além do que é verbalizável, a não ser alguns movimentos de cabeça, olhares e expressões; no entanto, o essencial se concentra no verbalizável. E além do mais, o que as pessoas podem verbalizar? Tenho dúvidas se o recurso hegemônico das entrevistas possibilita essa aproximação, este chegar à pessoa, a uma certa intuição da pessoa filmada, com o predomínio do verbalizável. (BERNARDET, s/d)¹³

Posso divergir um pouco desse pensamento, quando entendo que, a partir do momento que os estudantes se permitiram estar ali falando sobre um assunto onde eles têm propriedade e local de fala, muitos desses elementos trazidos pelo auto como “a ausência do que fazer além do verbalizável”, não são perceptíveis a mim, pois existem muitos outros momentos onde a ausência do verbalizável, demonstra muito mais sensibilidade do que uma fala extensa e sem alma.

Possibilitar que o próprio aluno ocupante, conte sua história, seus aprendizados, frente a uma câmera que não o julga, faz com que ele revise a câmera, sem fazer, também, nenhum julgamento. Um aporte importante durante minha pesquisa como documentarista foi, sem dúvidas, o diretor Eduardo Coutinho, pois além de se preocupar com o cenário e a luz, Coutinho se preocupava em dar espaço a palavra e permitir que ela tenha noção do espaço que ocupa, pois

O cinema de Eduardo Coutinho é, desde sempre, um cinema da palavra filmada, que aposta nas possibilidades de narração dos seus próprios personagens. [...] é a imagem da palavra do outro que está na base da sua concepção de cinema. Um cinema que dá aos personagens vontade de falar mais, de dizer mais alguma coisa[...] (LINS, p.179, 2004)

As filmagens e entrevistas ocorrem na UENH, em dias que os estudantes não tinham aula. Usou-se de um cenário simples onde o estudante, sentado, relatava suas experiências e aprendizados durante as escolas em ocupação. A porta usada de fundo serve como aporte visual e histórico, pois nela estão grudados diversos

¹² Ismail Xavier é professor da Universidade de São Paulo (USP), membro do conselho consultivo da Cinemateca Brasileira desde 1977 e possui PhD em Cinema Studies pela Graduate School of Arts and Science, da New York University.

¹³ Na noite de 15 de agosto de 2006, no Centro Cultural São Paulo, abarrotado, os professores/críticos Ismail Xavier e Jean-Claude Bernardet debateram, com mediação do também professor Carlos Augusto Calil, diretor do CCSP, o documentário brasileiro contemporâneo, com ênfase na utilização da palavra e das entrevistas nos filmes.

adesivos que acompanharam os momentos de luta dos movimentos secundaristas, com o intuito de mostrar ao espectador que essa luta não é de agora, não pertence somente aqueles estudantes que usam da fala naquele momento de desabafo para compartilhar com o público suas visões sobre a ocupação, mas a todos os estudantes que passaram por aquela entidade e por aqueles que por ela sintam-se representados.



(Imagem retirada do documentário: Ocupar: crescer e mudar”

Essa ideia de utilizar um mesmo espaço de filmagem, onde se ouve a voz do entrevistador, onde percebe-se quem está por trás das câmeras, foge do típico cinema americano, onde, com o intuito de se transmitir veracidade, exclui-se todos os elementos que por um acaso, possam trazer ao espectador a dúvida de que o filmado está sendo produzido.

A realidade, então, daquilo que é mostrado na tela, perpetua o espaço e lugar e da vazão ao cinema-verdade, onde o diretor quer passar o máximo de proximidade com o espectador. Para compactuar com esse pensamento, Lins (2004) nos fala que esse tipo de produção é feito por

[...] cineastas que intervêm, provocam e fazem dessa metodologia, matéria a ser filmada. Contrariamente às regras do cinema direto americano, que pregam a mínima presença possível da equipe - a realidade é filmada como se a câmera não estivesse ali, sem entrevistas, sem olhares para a câmera -, a intervenção no cinema-verdade acontece de várias formas, articulada a cada vez com o que vai ser filmado.

A escuta então tem, no documentário, maior valor do que a própria fala, pois é dela que faremos a análise, vendo que o questionamento pode proibir o indivíduo de se expressar e falar realmente o que pensa, assim, Eduardo Coutinho produzia documentários onde a ligação com o outro era tão grande que o próprio espectador se sentia parte da comunidade de onde o personagem falava e esse sentido se dá quanto a

[...] uma dimensão analítica: a análise é particularmente o lugar da escuta. E talvez o que mais falte na atual produção incessante de imagens, palavras, sons, informações é justamente uma escuta que possa pontuar e dar algum sentido à fala dos personagens, para que a palavra não sucumba ao silêncio que o mundo tenta condená-la. De fato, em muitos momentos, algo se constrói entre a palavra e a escuta que não pertence nem ao entrevistado nem ao entrevistador. É um contar em que o real se transforma num componente de uma espécie de fabulação, onde os personagens formulam algumas ideias, fabulam, se inventam, e assim como nós aprendemos sobre eles, eles também aprendem algo sobre suas próprias vidas. É um processo onde há um curto-circuito da pessoa com um personagem que vai sendo criado no ato de falar. (LINS, p183, 2004)

Mesmo tendo pertencido ao mesmo meio que o estudantes que concederam seus depoimentos, também coube a mim, como pedagogo documentarista, entender que exista uma diferença entre nós, tanto de épocas como de pensamentos e isso foi fundamental para que eu pudesse perceber seus depoimentos como algo a me agregar e não algo a se julgar. Assim, para que eu pudesse entender completamente o que os estudantes ocupantes queriam me passar, eu devia me abster, naquele momento, de todo conhecimento sobre o assunto que eu já havia adquirido, dando espaço ao conhecimento que eles traziam. Quando penso nessas relações e nas diferenças que fiz necessário estarem presentes no decorrer das filmagens, Eduardo Coutinho entende que

O grande problema é a relação que você tem com o outro na filmagem. A primeira coisa é estabelecer que somos diferentes (...) só a partir de uma diferença clara é que você consegue uma igualdade utópica e provisória nas entrevistas. Quando me dizem: as pessoas falam para você. Sim, falam, e eu acho que é por isso: porque sou o curioso que vem de fora, de outro mundo e que aceita, não julga. A primeira coisa, a pessoa não quer ser julgada. (...) A pessoa fala, e se você, como cineasta, diz: essa pessoa é bacana porque ela é típica de um comportamento que pela sociologia... aí acabou. (...) o essencial é a tentativa de se colocar no lugar do outro sem julgar, de entender as razões do outro sem lhe dar razão. Cada pessoa quer ser ouvida na sua singularidade. (...) eu tento abrir dentro de mim um vazio total, sabe?. (COUTINHO, p.65, 2004)

É factível, também, que não são todos os ambientes, sejam eles escolares ou não, que possibilitam ao professor criar e avançar com seus projetos. Modificar o espaço onde se atua, ou buscar por novos projetos é um trabalho cansativo, assim como outras diversas ações que buscam quebrar o pragmatismo do estudante ouvinte dentro da sala de aula, com isso, propor essas transformações no ambiente escolar

[...] é um exercício que se depara com restrições que vão desde a relação mais imediata com os alunos – socializados e estimulados em função das notas – até a política educacional do Estado. Assim, mesmo os professores e pedagogos mais inclinados a criar alternativas ao modelo de ensino tradicional têm uma margem de liberdade consideravelmente restrita pelos condicionamentos sociais internos e externos à escola. (BRAGA, 2016, p.25)

Assim sendo, o autor entende que dado o cenário político atual, produzir algo que vá contra a maré, divergindo do pensamento imposto a nós, como educadores, por uma cultura centenária, onde aluno e professor possuem papéis firmados entre escutar e falar, respectivamente é um trabalho hercúleo, pois além de desfragmentarmos as nossas próprias ideologias e pensamentos, precisamos dar força e incentivar que os discentes se vejam também com esse poder transgressor de mudar o seu lugar de fala.

O documentário (ao fim e ao cabo) materializa àqueles conceitos (co-criação, protagonismo, etc) porque vai ao encontro desse aspecto fundamental da educação: construir sujeitos sociais para uma dada sociedade; me refiro não somente ao pedagogo e aos estudantes secundaristas, com os quais trabalhei , mas aproveito o ensejo (do TCC) para pensar se a universidade também não deveria pensar nisso que nos proporciona, “uma boca que fala, muitos ouvidos e menos da metade de mãos que escrevem – eis o aparelho acadêmico aparente, eis a máquina de cultura da universidade posta em atividade”.¹⁴ e que funciona para as elites sociais.

¹⁴ Nietzsche. Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino. KSA. V. 1. P. 732, apud DIAS, Cultura, filosofia e educação no pensamento de Nietzsche. In: Nietzsche/Deleuze imagem, literatura e educação. Simpósio internacional de filosofia, 2015.

4 QUANDO OS JORNAIS COMEÇARAM A PROCURA A GENTE

Como visto anteriormente no capítulo quatro, as entrevistas/depoimentos que seguem foram realizadas nos domingos, dias que os estudantes/atores tinham disponibilidade para estarem presentes nas gravações. Antes de começarmos os trabalhos, expliquei o propósito da entrevista e como se daria o documentário. Teríamos uma conversa onde algumas perguntas serviram como suleadoras da pesquisa, tais quais como:

- Qual teu nome? Onde tu moras e onde tu estudas?
- Conta como foi tua ligação com as ocupações e como tu ficou sabendo desse movimento.
- Antes das ocupações tu já havia participado do movimento estudantil?
- Como era a organização de vocês? Cada um fazia o que queria? Como funcionou a organização dos dias ocupados.
- Que tipo de atividade vocês realizaram?
- Qual a organização eu vocês tinha na ocupação?
- Como foi dentro da tua casa falar sobre ocupação?

Durante as conversas, muitas outras perguntas e respostas que não estavam ligadas ao questionário inicial foram se dando de maneira natural. O entrevistador, não cortou falas e nem acelerou o processo e cada estudante, a fim de conseguir com que falassem aquilo que realmente lhes importava. Cada entrevista durou aproximadamente 25min e ao todo serão analisadas quatro falas, sendo que foram gravadas doze entrevistas, porém, dado o pouco tempo de pesquisa e a necessidade de se fazer um trabalho de conclusão que necessita de afunilamentos, foram escolhidas, pelos discursos feitos, algumas para serem analisadas, o que não impede a esse autor que futuramente continue trabalhando nesse processo de análise.

As falas aparecem em quadros, onde deu-se preferência para a análise dos conceitos vistos como importantes a esse pesquisador relacionando com o aprendizado único de cada aluno/ator

QUADRO I – CONCEITO DE OCUPAÇÃO NA PERSPECTIVA DISCENTE

CONCEITO DE OCUPAÇÃO	
SUJEITOS	SIGNIFICADO
<p>Leandro Mujica - E.E.E.M 25 de Julho¹⁵</p> <p>Muita gente não sabia o que era ocupação, né, a maioria sabia falar que ocupação era coisa de vagabundo, que a gente tava lá, ao contrário da nossa pauta, pra depredar a escola. Mas depois a gente começou a conversar, e cada pessoa que chegava lá e queria ter aula a gente falava que tava ocupando e explicava tudo. Eu acho que, sei lá, foi mais de 300 vezes que a gente explicou a ocupação dentro da escola. Aí chegava lá e a gente falava, se quer ajudar? Se quer participar da ocupação com a gente? Aí a se a pessoa dizia sim, a gente falava: ah, olha só, agora a gente tá fazendo tal coisa, vamo acompanhar com nós aí você aprende e depois faz. E assim foi com todo mundo.</p>	<p>PROTAGONISMO CO-CRIAÇÃO EXPERIMENTAÇÃO</p>
<p>Carla Sosa – E.E.E.M Maurício Sirótski Sobirinho</p> <p>A ocupação no Mauricio, não foi</p>	<p>PROTAGONISMO EXPERIMENTAÇÃO</p>

¹⁵ Para preservar a identidade dos alunos, foram mantidos os nomes reais de suas escolas, porém, seu nome foram trocados, além de ter sido preservada a forma como cada um falava, transcrita de mesmo modo para esse trabalho a caso de não serem mudadas as palavras dos estudantes ocupantes.

<p>conturbada quanto nas outras escolas que a gente ouviu, que ah, entraram tipo, teve a participação de.. tipo intervenção policial. Foi uma ocupação calma, mas a gente sentia a pressão dos pais: ai meu filho não tem pra onde ir, vai ficar em casa sem fazer nada, ele quer ter aula. Aí a gente tinha que explicar, que era um movimento estudantil, que a gente tinha um movimento pra fazer isso, e acabou que muitos pais ficavam revoltados. Tanto pais quanto professores, eles não entendiam que eram os estudantes que estavam acordando. Que era dos estudantes, e não dos professores ou da escola. Eles viam que tinha movimentação na escola, mas que não era a mesma movimentação que antes, tinha tantos dos alunos quanto dos professores, que era um grupo menor e que a gente ficava tipo o dia todo na escola e daí percebiam uma movimentação diferente e daí afetava no convívio da escola</p>	
<p>Ysabel Parra – E.E.E.M 25 De Julho Convencer os estudantes de que eles tem que se sentir parte da escola, e quando tudo começou foi toda aquela coisa, o que nós vamos fazer dentro da escola? A gente vai fazer o que o Estado não faz: A gente vai dar</p>	<p>CRÍTICA PROTAGONISMO EXPERIMENTAÇÃO CO-CRIAÇÃO</p>

<p>mais cultura nas escolas, a gente vai melhorar a infraestrutura da escola, a gente vai dar aluas que a gente tem vontade de ter, então era todo um esquema pra tudo aquilo que a gente deveria ter durante um ano inteiro, ter dentro de uma ocupação, e assim que a ocupação seja contínua.</p>	
<p>Mariza Allende – E.E.E.M Maurício Sirótski</p> <p>A gente começou a ver o movimento das escolas de Porto Alegre e os dois PL's, o 44 e o 190 e todo sucateamento da educação e a gente começou a conversar num bolinho de amimigos. Aí a gente se organizou, fez uma assembleia no recreio e ocupou;</p>	<p>PROTAGONISMO</p>

SÍNTESE
<p>Para os estudantes secundaristas das escolas ocupadas em Novo Hamburgo, ocupação significou: a materialização dos conceitos de crítica, protagonismo, co-criação e experimentação, pois os estudantes perceberam que a movimentação na escola, que não era a mesma movimentação de antes das ocupações, afetou o convívio e a rotina no espaço escolar, mudando-o, pois se organizou-se e fez-se aulas e debates que os estandes acham pertinente. Observa-se, também, o anseio de produzir e possibilitar atividades e momentos de formação que, na visão dos estudantes ocupantes o Estado não proporciona, como a reforma dos espaços dentro da escola (banheiros, hortas, etc.). Houve uma organização</p>

tão bem estruturada que fica claro que ocupação, definitivamente não é sinônimo de desorganização, mas de produtividade, aprendizado e ensinamento.

QUADRO II - CONCEITO DE RESPONSABILIDADE NA PERSPECTIVA DISCENTE

Conceito de Responsabilidade	
Sujeito que fala	Significado
<p>Leandro Mujica - E.E.E.M 25 de Julho</p> <p>No começo a gente começou a subdividir, tipo, tu faz a comida, tu faz a limpeza, tu faz isso, tu faz aquilo, mas depois a gente percebeu que cada um tinha que fazer uma coisa e participar de todas as atividades. Daí o primeiro dia de manhã a gente se levantou e começou com a ideia da horta, que um professor tinha dado pra gente, e também já começou desde o início a priorizar os banheiros que eram muito depredados, pra limpar. E nesse primeiro dia teve problema de alunos que também queriam ter aula.</p>	<p>PROTAGONISMO CO CRIAÇÃO</p>
<p>Carla Sosa – E.E.E.M Maurício Sirótski Sobirinho</p> <p>A nossa organização era fixa, a gente acordava cedo, era todo mundo junto, todo mundo unido. Não tinha essa de não tem nada pra fazer, a gente procurava pra fazer, nem que fosse</p>	<p>EXPERIMENTAÇÃO PROTAGONISMO</p>

<p>limpar parede, limpar banheiro, limpar sala, a gente sempre tava fazendo algo na escola, eram pouco momentos que a gente ficava parado.</p>	
<p>Ysabel Parra – E.E.E.M 25 De Julho</p> <p>Sempre tem aqueles que se destacam no grupo. A gente tinha as lideranças que eram as pessoas que sempre estavam ali, que dormiam, que passava o dia inteiro na escola, que ajudava a organizar o restante da galera, que as vezes era o que xingava, que brigava. Porém essas pessoas geralmente eram aquelas que reuniam todo mundo, davam a proposta e a gente botava pra decidir como que ia ser. A gente nunca tomou uma decisão que o grupo não estivesse ciente e concordasse com o que iria acontecer.</p>	<p>PROTAGONISMO</p>
<p>Mariza Allende – E.E.E.M Maurício Sirótski De noite a galera que posava sentava e conversava: amanhã a gente tem que fazer isso, isso e isso. A gente postava na página e no outro dia quem ia a gente separava. Ah tu é melhor na cozinha, fica na cozinha. Tu é melhor limpando, então tu vai limpar. Mas tipo não é eu só faço isso. Todo mundo ajudou em tudo, teve muita gente que aprendeu a cozinhar na ocupação.</p>	<p>CO-CRIAÇÃO EXPERIMENTAÇÃO</p>

SÍNTESE

Tendo em vista que estudantes começaram a ter a possibilidade de agir como agentes transformadores e educadores dentro do ambiente escolar, que antes era impregnado apenas de uma possibilidade concreta - onde o professor fala e o aluno “absorve” -, eles perceberam que era necessário subdividir as tarefas para que a organização prevista para o espaço não fosse prejudicada. Não existiam momentos com falta do que se fazer, diariamente existiam atividades que buscavam nos estudantes seus conhecimentos práticos no assunto ou sua capacidade de aprendizado e desenvolvimento, a escola era considerada por todos como um local a ser preservado e melhorado. A organização era em grupo e funcionava de forma horizontal, todas as propostas eram tiradas em assembleia, assim com os trabalhos e atividades deliberado para a ocupação, os alunos formaram uma comunidade com aspectos forte de co-criação de uma forma onde, não apenas o ensinamento do outro tem valor, mas também deve ser respeitado, possibilitando assim o escambo de conhecimento. Os aprendizados então aparecem em situações práticas, como o aprender a cozinhar, atividade que a muitos pode parecer uma atividade banal, mas que para os ocupantes participou de um processo de crescimento e experimentação. Percebe-se também a presença do protagonismo e da crítica, quanto as assembleias deliberativas, que serviam como instrumento democrático para a tirada de decisões, possibilitando aos estudantes ocupantes que percebesse uma nova forma de organização política, social e escolar.

QUADRO III - A DESOBEDIÊNCIA NA PERSPECTIVA DISCENTE

Conceito de Desobediência	
Sujeito que fala	Significado
Leandro Mujica - E.E.E.M 25 de Julho O meu pai ele é de direita, totalmente contra os movimentos que a gente faz na rua, ou dentro da escola, ou	CRÍTICA

<p>qualquer outra coisa que seja relacionada ao movimento social ele é contra. Aí eu falei pra ele assim, olha eu to ocupando a escola, daí na época eu tava trabalhando ainda também, aí eu ficava de manhã na escola, ajudava de manhã, ia de tarde pra trabalhar e noite voltava pra escola. Eu me lembro até hoje, o pai falo assim: vem sábado lá em casa? Meus pais são separados né, aí ele falou vem sábado lá em casa? E eu, não, to ocupando a escola e ele: como assim? Aí eu, não, a gente ta ocupando a escola porque...expliquei tudo pra ele, não vou explicar de novo. Aí eu falei tudo pra ele. E ele, ah o que vocês querem fazer lá, são tudo uns vagabundo, um bando de vagabundo dentro da escola. Daí eu falei, não pai. Teu filho é vagabundo então também, porque eu to ocupando.</p>	
<p>Carla Sosa – E.E.E.M Maurício Sirótski Sobirinho</p> <p>Os meus pais acharam que eu tinha ficado louca, e que eu tava me tornado uma rebelde porque eu nunca tinha apresentado algum tipo de atitude assim, ou algum comportamento desse tipo, um comportamento que se colocava contra algumas coisas, como a</p>	<p>CRÍTICA PROTAGONISMO</p>

<p>política, educação, ou até mesmo em discussões familiares eles não percebiam que eu era contra e eles acabaram percebendo, que eu cabei me impondo mais, tendo mais voz no convívio de casa, com os amigos. As pessoas perceberam que eu não permaneci mais calada, comecei a falar mais e mais, e isso foi muito bom.</p>	
<p>Ysabel Parra – E.E.E.M 25 De Julho Porque a minha mãe me botou pra fora né. Foi difícil porque, querendo ou não, eu como filha tava a um mês fora de casa e a minha mãe tava enlouquecida. A frase que eu mais escutei dos meus pais foram que eles não criaram filha pra ser mendiga e moradora de rua. Então, fazer com que eles entendessem o porque eu tava ali, foi um grande desafio. A filha dela que ta ali sempre de baixo da asa, que ele sabe onde vai e quando volta, como vai e como volta, ta liderando uma ocupação de uma escola com tantos alunos, tendo um entendimento político que ela nunca teve em todos os anos da vida dela, então acredito que ela ficou orgulhosa de certa forma, porém preocupada, de outra forma, de eu passar quase um mês e meio fora. Foi bem complicado eu ter que chegar em casa e logo sair</p>	<p style="text-align: center;">CRÍTICA PROTAGONISMO EXPERIMENTAÇÃO</p>

<p>porque eu tinha o dever de estar na ocupação, com a galera.</p>	
<p>Mariza Allende – E.E.E.M Maurício As noites que assim, a gente tava com fome, tava com frio. A gente sentava pra conversar: será que o que a gente ta fazendo é certo? Ta valendo a pena? E tipo, ver toda aquela rodinha de galera com frio passando dor, doente. E não, a gente tá aqui pelo o que a gente acredita. Caía a ficha, é isso, amanhã começa tudo de novo.</p>	<p style="text-align: center;">PROTAGONISMO</p>

SÍNTESE
<p>Os depoimentos dos estudantes mostram que a condição de desobediência é aplicada, em dois momentos: quando há a divergência política/ideológica com os pais e com a escola. Contudo, essa comparação chega a ser duvidosa quando percebe-se que tanto a família quanto a escola, deveriam prezar pela busca do conhecimento e conscientização do cenário atual. Fica claro, então, que a desobediência é o ação de ir contra o modelo tradicional de pensamento imposto por dois meios onde o estudante deveria se sentir seguro para criar, aperfeiçoar e improvisar sua visão não só sobre o mundo mas sobre a sociedade como um todo. Há, também, uma afirmação na luta, quando um pai diz “o que vocês querem fazer lá, são tudo uns vagabundo, um bando de vagabundo dentro da escola” e o filho responde: “Teu filho é vagabundo então também, porque eu to ocupando.”, existe aí uma afirmação na luta que não é abalada apesar da pressão vinda do espaço que estima-se ser seguro e acolhedor. OS estudantes viram que apenas ouvir ordens não estava dando frutos, era necessário uma atitude que os fizessem repensar a sua função dentro da escola.</p>

5 QUEM DIZ QUE A JUVENTUDE ESTÁ PERDIDA, NUNCA VISITOU UMA ESCOLA OCUPADA¹⁶

Compreender as ocupações secundaristas é não menosprezar a fala do estudante secundarista, ter total respeito pelo lugar de fala dos ocupantes e não subjugar seus aprendizados e desenvolvimentos.

Realizar este TCC foi de extrema importância porque eu, como pedagogo e como agente social, consegui me livrar das sobras impostas por uma sociedade colonizadora e opressora, que atua diretamente nos meios que vivemos, convivemos e lecionamos. Encontrei uma clareira, um espaço do pensar – e para pensar- além do acúmulo de tarefas propostas pela academia; espaço de reflexão necessário e nem sempre possível frente aos modelos de avaliação e parametrização que vivemos aula pós aula, pois todos esses empecilhos e normatizações, estão impregnados não somente nas aulas dos estudantes secundaristas, mas em grande parte da minha trajetória como discente dentro da academia.

Mensurar os aprendizados e conhecimentos adquiridos pelos estudantes e ocupantes das escolas de Novo Hamburgo, nunca foi o objetivo desse trabalho, mas demonstrar que mesmo num espaço que se vê feito de caos e tensão, existe uma organização feita pelos estudantes para os estudantes e que infelizmente não é valorizada nem pelas mídias, nem pelas famílias e, inacreditavelmente- ou não- pelas escolas.

Destacado esses pontos, as considerações podem ser feitas em dois níveis: o primeiro a partir da perspectiva discente:

1. Para os estudantes, as ocupações significaram a possibilidade de atuarem como protagonistas do seu próprio momento político, tendo consciência de que isso iria re-exercitar a sua crítica, buscando outras formas de se relacionar com a escola;
2. O aprendizado não é delimitado apenas por aquilo que se lê – e muitas vezes se decora dos livros, mas em entender, conhecer e perceber o espaço de fala do outro, atuando em comunidade;

¹⁶ Frase dita por uma aluna ocupante durante as gravações do documentário.

3. A crítica é necessária pois atuamos, como diz Cortella, no mundo sobre o mundo, e muitas vezes o reflexo desse processo é dado por um espelho já manchado. Os estudantes utilizavam da crítica não para se desmerecerem, mas para fortalecerem seu processo de afirmação sobre sua ação;
4. A co-criação é necessária para que se deem processos pedagógicos singulares de ensino e aprendizagem, de modo que, nenhum dos estudantes em ocupação saíram sem aprender e ensinar algo sobre militância e protagonismo estudantil.
5. O processo de criação se dá perante uma dificuldade, e, para o estudante, experimentar a possibilidade de revolta, nada mais é do que permitir-se ser realmente livre dentro de suas escolas.

Para o docente:

1. O TCC não é apenas um texto, o documentário não é apenas uma sucessão de imagens com lógica, eles formam a possibilidade de atuação protagônica de quem chega ao final de uma graduação.
2. Este autor enxerga a possibilidade de que um plano de aula sobre as ocupações pode ser realizado em um planejamento pedagógico. Utilizar-se do aspecto visual e problematizar um assunto tão em voga dentro da sala de aula abre portas para debates e questionamentos que ampliariam a discussão política e social dentro da sala de aula convencional.
3. Materializa o não esperado, ou aquilo que Paulo Freire diz sobre o inédito viável, pois demonstra que possibilitar uma mudança não só como utopia, mas como prática pedagógica.
4. Fomenta o uso de uma pedagogia horizontal, onde haja a possibilidade de discussão, vendo o aluno como agente modificador de suas próprias ideias, conceitos e vivências.
5. Abre-se uma caixa de discussão baseada em nossa própria pedagogia, fazendo com que questionemos o nosso lugar de atuação. A ocupação serve não somente como reduto de alunos com cede de mudança, mas como um espaço de crescimento e questionamento onde o professor deve sim ver sua inserção dada como algo transformador, pois perde-se o lugar de poder- algum dia dado a nós-, e cede-se a fala ao aluno, possibilitando com que haja

na prática a teoria de que nós podemos aprender com nossos alunos também.

Assim, eu como pedagogo e profissional da educação entendo que dar voz, consolidar imagens e dar vazão a imaginação é produzir conhecimento que se constrói fundamentado na experimentação de um sujeito inserido em uma dada situação social e que pretende mostrar que a escola, como espaço social, socializa e captura significados, estabelece relações, interfere em comportamentos e possibilita transformações não só inerentes à sala de aula mas ao sujeito que nela pode criar e se desenvolver. Fazer isso não precisa ser apenas privilégio do docente: os discentes podem e devem assumir este lugar.¹⁷

O verso "o verme passeia na lua cheia" expressa, como elemento da natureza diversa e o impossível da poesia, que pode se materializar na concretude da vida, pois ocupar a escola e desobedecer a norma imposta pela sociedade, assemelhe-se ao verme que é visto como insignificante perto da lua cheia, tão distante e brilhante; o que poucos entendem com isso é que os estudantes das escolas ocupadas não buscam por visibilidade, eles buscam por ouvidos que lhes deem uma atenção que por direito é deles, não algo com que há de fazer firulas.

Não foi encontrado, durante a pesquisa, nenhum estudante que se sentiu inútil dentro da ocupação, que não conseguia ver o seu crescimento e o do outro confraternizando dentro de uma roda de conversa. Assimilar e agir sobre um momento político não os torna baderneiros, mas pioneiros de uma juventude que cansou de calar-se e não poder opinar naquilo que por direito, pertence a eles.

Com isso, aprender transfigura um outro sentido ao pesquisador depois deste trabalho, fora do âmbito da sala de aula e dentro das rodas de conversa e assembleias, é aqui que acontecem os reais aprendizados, aqueles que nos possibilitam entender e repensar a vida que é entregue a nós como recompensa por termos nascidos. A vida não é uma recompensa, é uma aposta e todos os estudantes decidiram, em conjunto, colocar suas apostas nas escolas ocupadas.

¹⁷ O documentário construído durante este tcc pode ser acessado livremente no YouTube, pesquisando pelo seu título e produtores.

REFERÊNCIAS

AVELLAR, José Carlos. **Conversa com Eduardo Coutinho: A palavra que provoca a imagem e o vazio no quintal**. In: Cinemais, nº22, Rio de Janeiro: Aeroplano, Março/Abril2000, p.31-72. 2004 .

BRAGA, Natália Sampaio de Carvalho. **Criar para aprender: A produção de documentário na escola**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BRAGA, Ruy. **Cenedic: uma sociologia à altura de Junho**. 2014. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2014/05/26/cenedic-uma-sociologia-a-altura-de-junho>> Acesso: em 4 de out. 2016.

BOCA DE RUA. Vol. 36. Porto Alegre, 2016.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o Conhecimento**. Cortez Editora, 1998.

COSTA, A.C.G. **A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação sócio-educativa**. 2ªEd. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

FISCHER, Rosa M. B. ; MARCELLO, F. A. ; SCHWERTNER, Suzana Feldens . **O ESTATUTO PEDAGÓGICO DA MÍDIA: TELEJORNALISMO E FORMAÇÃO**. In: II Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 1999, Curitiba PR). Programa e resumos - II Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Curitiba (PR), 1999. p. 707.

FERRARY, Nery. **Cobertura jornalística da Folha de S.Paulo durante as manifestações de junho de 2013: uma análise discursiva**. Disponível em: <http://www.usp.br/cjejorwiki/exibir.php?id_texto=111>. Acesso em: 15 de ago. 2016.

FRANCO, Augusto de. **Um novo conceito de co-criação**. 2012. Disponível em: <<http://escoladeredes.net/group/co-criacao/forum/topics/um-novo-conceito-de-co-criacao>>. Acesso em: 3 de nov. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
_____. **Pedagogia da Autonomia**. 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GALLO, Silvio. **A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade**. Revista Ethica. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 17-35, 2006.

GLOBO. **Manifestações de junho de 2013**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional-manifestacoes-de-junho-de-2013.html> > Acesso: em 4 de out. 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. Revista de Ciências da Educação, Americana, n. 19, p. 121-140, 2º sem. 2008.

HOVELER, Rejane Carolina. **A geração que educou seus educadores**. 2015. Disponível em: < <http://blogjunho.com.br/a-geracao-que-educou-seus-educadores> > Acesso em: 23 de jun. 2016.

LINS, Consuelo. **O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente**. In: TEIXEIRA, Francisco Elinado (org). Documentário no Brasil – Tradição e Transformação. São Paulo, Summus Editorial, 2004.

MIGNOLO, Walter. **La ideia de América Latina: la herida colonial y opción decolonial**. Gedisa Editorial, 2008.

SILVA, Thais Gama da. **Protagonismo na adolescência: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano**. 2009. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

TAKAHASHI, Fábio. **Promotor vai à Justiça contra reforma de ciclos de Alckmin**. 2015. Disponível em < www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/12/1713438-reorganizacao-das-escolas-nao-visa-melhoria-do-ensino-afirma-promotor.shtml > Acesso: em 12 de out. 2016.